

## **Chiquinha Graussá**

Quando ouço falar em jogo-do-bicho e nos truques e sonhos e rezas e sabsenças postas a funcionar perseguindo uma centena, uma dezena, ou simplesmente um grupo, sem aludir à ambição maior, a milhar quase inatingível, me lembro da Chiquinha, tão cheia de defeitos, de novidades e paixões e vícios menores, de superstições e cacoetes, doida por fumo e por jogo-do-bicho. E, ao mesmo tempo, uma cozinheira e tanto.

Chiquinha já amanhecia de xícara grande na mão e no fundo da xícara havia de ter um resto de café deixado de propósito. E ali na cozinha, sentada à mesa, como uma vidente no seu gabinete de trabalho consultando a bola de cristal, com a mesma gravidade, a mesma convicção, sem nenhuma falsidade, antes com ingênua, incansável, verdadeira esperança, acendia um fósforo, atirava o palito naquele resto de café, cobria rapidamente a xícara com a mão, ficava a esperar, dando tempo a que a fumaça fizesse volteios, até esbarrar, formando uma silhueta cinza-escuro de vago contorno, que lhe daria o palpite do dia. E longo tempo se demorava neste estudo contemplativo, entregue à sua meditação, como um alquimista medieval diante das suas provetas, preparando seus mistérios.

Eu era menino, Chiquinha freqüentemente me convocava para tirar uma dúvida naquela arbitrária e difícil

interpretação. Uma vez, lembro muito bem, me atalhou já na porta da rua, de saída para o colégio:

— Olhe aqui, não dá mesmo parecença da girafa?

— Sei não, Chiquinha. Tem pra mim que isto é avestruz.

Chiquinha protestava:

— Lá-e-vem você com doideira. Cadê o bico, que a gente não vê?

Eu continuava punindo avestruz, insistia perversamente:

— Bobagem, Chiquinha, está debaixo da asa. Avestruz gosta muito de esconder a cabeça quando vê perigo.

Com um muxoxo superior concluía o diálogo e, enquanto trabalhava o almoço, deixava amadurecer o palpite. Por volta das dez horas (nunca antes, porque esperançava recolher ainda alguma sugestão imprevista, um sonho alheio, um palpite mais objetivo, se é que se pode falar assim de palpite), pois por volta das dez, pedia ao negro Jaime que lhe fosse fazer o jogo na mercearia da esquina, acrescentando uma promessa invariável: — Vai, Jaime, vai, que se eu pegar na centena tu ganha também...

Esta cena se repetia diariamente, com algumas poucas variantes. Às vezes utilizava água, em lugar do café, como instrumento-veículo do palpite que buscava: atirava um jato d'água no muro do quintal, olhava ansiosa a silhueta imprecisa e quando a interpretação era fácil de longe se ouvia o grito alegre com que acolhia a descoberta: — Olha ali, menino, é um elefante imprial, não tem que tirar. Tem até a tromba!

Muita vez fui dar minha opinião sem ser consultado, pois, quando ela achava muito clara a forma do animal, preferia que ninguém lhe viesse roubar a ilusão da segurança. Então, por mera maldade, eu vinha olhar a mancha d'água, e com objetivo exclusivo de baldear, sugeria: — Elefante o quê, Chica! Aquilo é porco.

De tarde saía o camelo. Chiquinha não se perdoava a si mesma a falta de acuidade, o descuido com que dei-

xara escorregar aquela "chance". E transmitia a queixa à outra empregada, em voz deliberadamente alta:

— De burra, que eu não joguei no camelo. Era pra estar cheia da nota, a estas horas. Tinha uma coisa que era ver a cacoruta do bicho. Ainda teve gente que veio dizer que era porco...

Era assim Chiquinha, a reincidente diária, a eternamente crédula, afundando cada dia um pouco mais no jogo, como quem se afoga lentamente em areia movediça, mas não esgotava a sua provisão de esperança, não perdia a fé, aguardava confiantemente o bafejo da sorte — e era com este dito bafejo que contava, para mandar fazer "a chapa", aquela desejada, sonhada, falada dentadura suposta, que lhe havia de devolver a mocidade.

Porque — diga-se a título de oportuna informação — dos antigos dentes lhe restava um só sobrevivente, uma presa teimosa, mal plantada, que já bastante lhe deformava o lábio superior. E a velhice e a ausência do resto do mobiliário bucal lhe deixaram a pele amarela, cortada de rugas em todos os sentidos, era um perfeito papel pergaminho.

E nos seus quase sessenta anos, tão feia, coitada, sem nenhum vestígio de beleza que se pabulava de ter tido, sem nenhum aparente atrativo, os cabelos duros mal penteados, cortados a Nazareno caindo no ombro, com um pente enfiado no alto da cabeça, sem prender nada, funcionando, ao que tudo indicava, apenas como adorno, Chiquinha não se julgava aposentada no seu papel de antiga "vamp", de que muito se honrava. E ainda cultivava inegáveis ilusões no plano sentimental.

Além daquele pente preto, cravejado de pedras brancas de vidro, o outro adorno eram os brincos de pingente, duas pequenas moedas de ouro que ela nunca alienou, nunca deixou envolver na tentação do jogo, porque era lembrança do marido. Era talvez a única lembrança do finado, tirante aquele filho tresmalhado que não lhe dava notícia, nem mandava ajuda de nenhuma espécie.

Chiquinha adorava falar sobre recursos que utilizara para ganhar no jogo, as orações que fizera, até aquela perigosa e amedrontadora invocação da cabra preta e outras orações famosas. Um dia confessou que naquela permanente luta à procura da sorte, recorrera, uma vez, à última tentativa: chegara a dormir nua, peada, com um feixe de capim debaixo da rede — assim recomendava a fórmula da oração. Apesar do sacrifício e da noite mal dormida, o demônio não veio (estava certa de que seria o próprio diabo que compareceria, atraído por tantas armadilhas e lhe cantaria ao ouvido a milhar salvadora).

Achava que falhara por culpa da pessoa que lhe ensinara a reza, e se queixava, num tom de amarga melancolia: — Esta gente são assim, só querem pra elas. Faz que ensinam, mas não dizem tudo, que é pra pessoa não acertar.

Agora, quando, de raro em raro, me ocorre a figura da Chiquinha, ligada na minha memória ao jogo-do-bicho, fico me perguntando se ainda estará viva, onde andará, em que terreiro terá baixado, em que cozinha de branco estará preparando aquelas comidas, de tempero pessoal inconfundível, Chiquinha, que eu não vejo há bem vinte anos. Ou mais.